

DESAFIOS DOS DOCENTES: AS DIFICULDADES DA MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

Kamille Araújo Duarte ¹
Laiana da Silva Medeiros ²

RESUMO

A educação é uma área dinâmica, que está em constante evolução, um dos desafios docente é está sempre se reinventando e ressignificando sua prática para acompanhar esse dinamismo. Tendo como base a mediação pedagógica na perspectiva vigotskiana que estimula a autonomia e a liberdade intelectual. Aborda-se essa temática levantando dilemas e apontando perspectivas e possibilidades no ensino remoto, procurando contribuir com a formação e atuação docente na modalidade. A pesquisa foi desenvolvida com uma amostragem de 30 professoras/es com o objetivo de compreender as significações e as experiências de mediação pedagógica virtuais por elas/es vivenciadas durante o Ensino Remoto Emergencial (ERE). Neste trabalho optou-se por uma análise qualitativa-descritiva-interpretativa, baseada nos depoimentos da/e professoras/es. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados um questionário semiestruturado, o tratamento dos dados foi realizado com o método de análise de conteúdos, sugeridas por Bardin. Como resultados e considerações, identificamos algumas limitações que prejudicam a mediação pedagógica durante esse período de isolamento social e ensino remoto, sendo apontada como maior delas as limitações e acesso a internet e equipamentos eletrônicos que possibilitem os alunos participar das aulas, e com relação as/os docentes que não possui uma formação específica e ou tempo suficiente para dedicar-se a uma modalidade de ensino mediada por tecnologias digitais. Nessa nova realidade o papel fundamental desempenhado pela/o professora/o, mais do que na sala de aula convencional, é realizado pela sua intervenção como mediadora/o pedagógica/o.

Palavras-chave: Ressignificação, Mediação pedagógica, Educação Remota, Tecnologia.

INTRODUÇÃO

Em tempos de pandemia, mudanças de paradigmas. O ano de 2020 ficará registrado na história contemporânea da humanidade devido a uma pandemia que se alastrou pelo mundo, provocada pelo covid-19, um vírus potencialmente perigoso que causa infecções respiratórias e vem matando milhares pessoas. Diante desse cenário o Ministério da Educação (MEC) autorizou em caráter excepcional, a substituição das aulas presenciais por atividades letivas que utilizem recursos educacionais digitais até o final do referido ano (Portaria 343, de de 17 março de 2020; Portaria 544, de 16 de junho de 2020).

Nesse novo contexto educacional as instituições de ensino vêm buscando alternativas para garantir a continuidade das atividades letivas com a utilização de tecnologias digitais. Contudo não podemos perceber as EaD e o ensino remoto emergencial (ERE) como

¹ Especialista no Ensino de Ciências e Matemática-IFCE; Licenciada em Química IFCE; Professora de Química-SEDUC-CE, kamillearaujo12@gmail.com;

² Especialista no Ensino de Ciências e Matemática-IFCE; Licenciada em Química IFCE; Professora de Química-SEDUC-CE, laianamedeiros18@gmail.com;



sinônimos. A EaD é uma modalidade estruturada e prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9.394/96), já o ERE, de acordo com Hodges *et al.* (2020) é uma mudança temporária que permite apresentar os conteúdos curriculares de forma alternativa, devido à situação de crise. Costa (2020) menciona que o ensino remoto da forma como vem sendo praticado atualmente assemelha-se a EAD no que se refere a uma educação mediada pela tecnologia, contudo alerta que os princípios continuam sendo os mesmos da educação presencial.

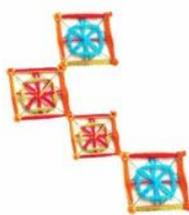
Os recursos tecnológicos, ou as TDIC (tecnologias digitais de informação e comunicação), apresenta-se como ferramentas, que ampliam as possibilidades de interação entre os sujeitos podendo colaborar com instrumentos mediadores do processo de ensino e aprendizagem, porém Dotta *et al.* (2013), alerta que a tecnologia permite um grande acesso às informações, entretanto, por si só, não promove condições de aprendizagem para aqueles que têm acesso a elas. Nesse contexto, é importante ressaltar que apesar de constituírem recursos fundamentais o que pode determinar a aprendizagem não são as TDIC, mas sim a relação pedagógica que se estabelece por meio do uso dessas ferramentas digitais.

Os professores são provocados a se reinventar e ressignificar sua prática pedagógica procurando meios de promover uma educação ativa frente ao desafio do Ensino Remoto Emergencial (ERE). Muitos são os desafios e a mediação pedagógica pode ser considerada uma das principais dificuldades nesse novo modelo de ensino.

Para compreender melhor o processo de mediação pedagógica mediatizado por recursos tecnológicos, o estudo busca fundamentação na teoria vigotskiana sobre o desenvolvimento das funções mentais, fazendo referência ao conceito da Zona de Desenvolvimento Proximal (VIGOTSKI, 1998, 2007).

“Denominada de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VIGOTSKI, 1998, p.112).”

Nesta linha de pensamento, a mediação do processo de construção do conhecimento dos alunos distantes, deve levar em consideração as tarefas que o aluno pode realizar com autonomia, baseado no conhecimento já consolidado e as atividades na qual o aluno realiza com o auxílio de outros, justificando-se, então, a função da mediação pedagógica.



Segundo a abordagem histórico-cultural de Vygostky, “a relação entre homem e meio é sempre mediada por produtos culturais humanos, como o instrumento e o signo, e pelo ‘outro’.” (FONTANA E CRUZ, 1997, p. 58). Nesse sentido, as situações de ensino, com o uso das TDIC pode ser considerado como uma atividade mediada ou instrumentada que interfere nas relações e nas interações didáticas, nas quais o uso do celular, tablete, computador constitui um dos meios da ação docente (PEIXOTO; CARVALHO, 2011).

A mediação pedagógica consiste em através metodologias, buscar materiais que estabeleçam uma aprendizagem autônoma, potencializando os benefícios da comunicação (BELLONI, 2009). Esse conceito vem de encontro aos ideais de Paulo Freire que concebe a educação como meio de promover a autonomia dos sujeitos. Segundo o educador pernambucano, o papel da/o professora/o é estabelecer relações dialógicas de ensino e aprendizagem; onde o educador à medida que ensina também aprende. Desse modo o ato de ensinar torna-se um encontro democrático e afetivo, em que todos podem se expressar.

Nesse sentido, abordamos nesse artigo a docência no ERE na perspectiva da mediação pedagógica. A intenção é refletir sobre a atitude mediadora da professora/do professor com estudantes que se encontram em situação de isolamento social, levantando dilemas e apontando perspectivas e possibilidades no “ensino remoto”, procurando contribuir com a formação e atuação docente.

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi idealizada inicialmente da vivência da pesquisadora com o objeto da pesquisa, tem por interesse desvendar como se estabeleceu a relação/comunicação e mediação entre as professoras e professores, alunas e alunos apontando os principais aspectos restritivos/limitadores desse processo no ensino remoto emergencial (ERE).

Neste trabalho optou-se por uma análise qualitativa-descritiva-interpretativa, baseada nos depoimentos de professoras e professores, enriquecida com as contribuições fundamentadas na Análise de Conteúdo (AC), recomendada por Bardin (2011, p. 47).

“O termo análise de conteúdo designa: um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 47)”.

O critério para a participação nesse estudo foi estarem atuando, no período da pesquisa, com o ERE em escolas públicas de Ensino Médio. Foram entrevistados 30 docentes



da rede estadual de ensino da região Centro-Sul do Estado do Ceará, para então, por meio de uma análise mais cautelosa, compreender as significações e as experiências de mediação pedagógica virtuais por eles vivenciadas.

Como instrumento de coleta de dados desta pesquisa, foi utilizado um questionário semiestruturado disponibilizados aos docentes pelo Google Forms, a partir da organização dos dados verbais escritos as respostas foram categorizadas de acordo com a semelhança das respostas obtidas e as perguntas objetivas foram organizadas em gráficos e posteriormente os resultados foram confrontados com a literatura.

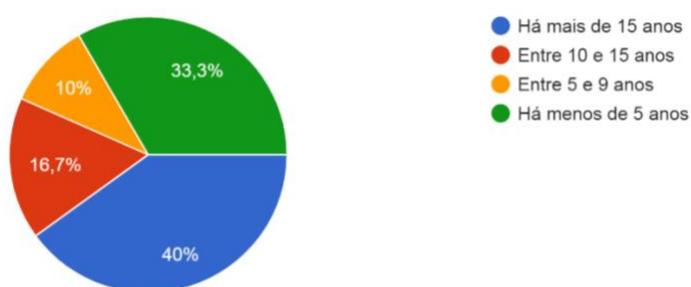
RESULTADOS E DISCUSSÃO

A descrição e análise dos dados obtidos nesta pesquisa serão apresentados e discutidos ao longo do texto que segue, de acordo com as percepções das professoras e professores participantes.

Caracterização dos sujeitos entrevistados

Todas as professoras e professores que participaram da pesquisa têm curso de graduação/licenciatura na área da educação e a maioria, 56,7%, atua no magistério a mais de 10 anos, o que segundo Guimarães (2012) permite inferir terem uma ocupação funcional que proporciona um número maior de vivências e que pode ser um indicador de maior preparo para o magistério (Figura 1).

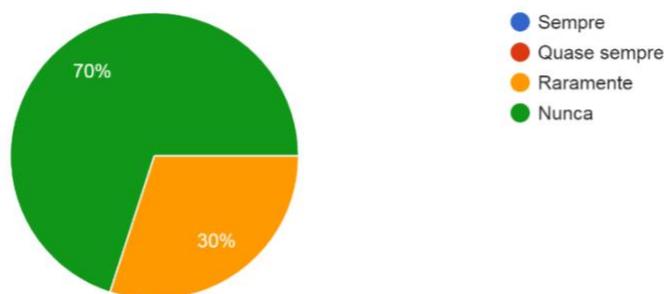
Figura 1- Exercício profissional no magistério



Fonte: Dados da Pesquisa.

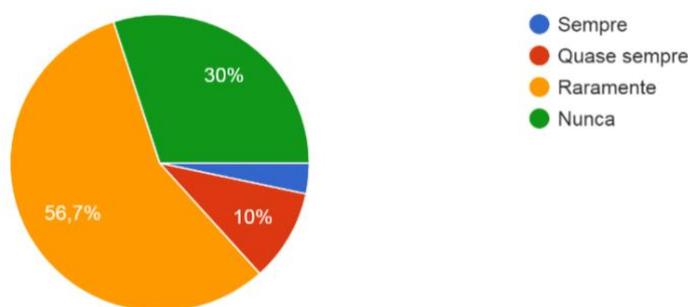
Em contradição ao tempo de atuação profissional dos entrevistados temos o fato de que a maioria, 70%, nunca havia trabalhado com o modelo de ensino mediatizado por ferramentas digitais (Figura 2), ou se quer receberam formação docente relacionada a utilização dessas ferramentas (Figura 3). Precisa-se investir mais na formação docente para aprender a aprender o uso das TDIC como algo que faça parte do cotidiano de ensino.

Figura 2- Docente que já trabalharam com ensino através de ferramentas digitais.



Fonte: Dados da Pesquisa.

Figura 3 – Formação docente para trabalhar com a Educação mediada por tecnologias digitais



Fonte: Dados da Pesquisa.

As tecnologias digitais mediando à aprendizagem no ensino remoto

Em tempos de “ensino remoto” acredita-se ser possível continuar desenvolvendo do processo educacional com o apoio das tecnologias como alternativa para não suspender as aulas. As atividades remotas estão sendo mediadas, principalmente, por meio das ferramentas do Google, recursos educacionais *online* e gratuitos (*Google Classroom*, *Google Meet*, *Google forms*), correspondendo a 93,3% dos entrevistados (Figura 4). Tendo em vista que a educação remota pode se desenvolver de forma assíncrona ou síncrona e que é interessante disponibilizar as duas experiências para os alunos com a intenção de flexibilizar o acesso às aulas e atender os diferentes públicos.

Compreendemos o *Google Classroom* como proposta de ferramentas assíncronas da educação remota, ou seja, que não ocorre ao mesmo tempo, não é necessário que os sujeitos participantes do processo de ensino-aprendizagem estejam conectados ao mesmo tempo para que as tarefas sejam realizadas, esse aplicativo permite aos docentes criar turmas virtuais, enviar atividades e fornecer feedback aos alunos facilitado a comunicação entre professor e aluno (SANTOS JUNIOR e MONTEIRO, 2020).

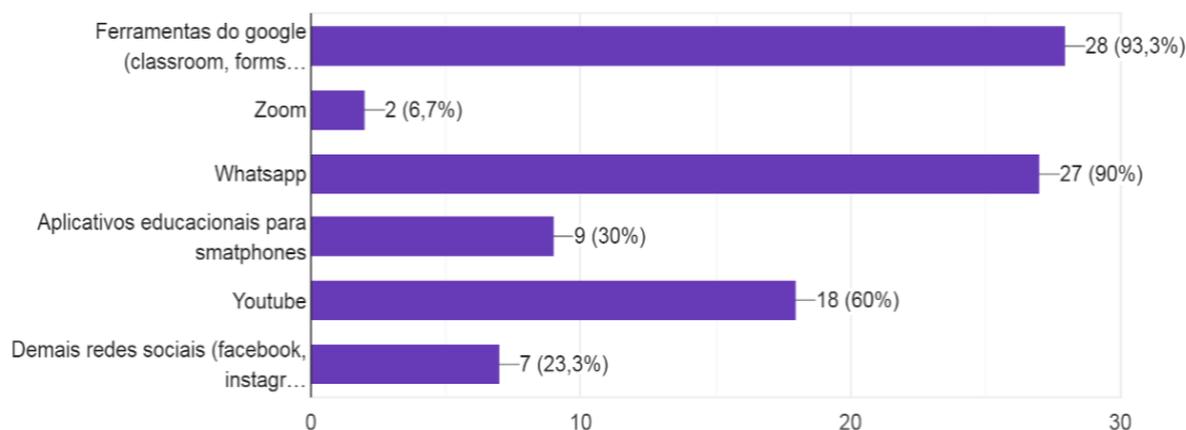
Já o *Google Meet* assim como o *ZOOM* constitui um exemplo de aulas remotas em ferramentas síncronas, as aulas acontecem com horário marcado via transmissão em tempo real. O aluno é convidado para participar da aula por meio de um *link*, que o direciona para o



encontro virtual no exato momento em que é transmitido (SANTOS JUNIOR e MONTEIRO, 2020). O Google Meet recurso foi considerado pela grande maioria o mais eficiente

O *Google Forms* vem sendo utilizado como uma ferramenta avaliativa a respeito das disciplinas como um todo. As atividades e avaliações são disponibilizadas na forma de *links* que segundo o depoimento das/os entrevistadas/os facilita a devolutiva dos alunos e o feedback das/os professoras/es. O whatsapp também foi citado como uma das principais ferramentas por 90% dos entrevistados, devido à familiaridade e facilidade de acesso demonstrada pela maioria das/os alunas/os e professoras/es, tornando-se uma ferramenta de dialogo entre os sujeitos.

Figura 4- Principais ferramentas digitais utilizadas pelos professores



Fonte: Dados da Pesquisa.

Mediação pedagógica: mais que um conceito, uma forma de perceber a educação.

O processo de mediação pedagógica no ERE baseia-se em dois processos complementares, na ação humana e na ação tecnológica. A ação tecnológica é responsável por disponibilizar os recursos que viabilizam o processo de aprendizagem e a ação humana é quem promove a articulação entre a/o aprendiz e a aprendizagem. Nessa perspectiva é a relação entre essas ações que resulta na Mediação pedagógica. (BRAHIM, 2020)

Instigada a descobrir qual a compreensão das professoras e professores sobre mediação pedagógica, diante desse cenário de ERE, surgiu das falas dos entrevistados a seguinte definição: “*É o desenvolvimento de uma ponte entre o estudante e o conhecimento. A função do professor é de orientador, mediador da aprendizagem*”. Essa fala encontra respaldo nos escritos de Masetto (2000, p.144-145), que concebe a mediação pedagógica como uma atitude, o comportamento do professor que se coloca como um incentivador ou motivador da aprendizagem, como uma ponte rolante entre o aprendiz e a aprendizagem, destacando o diálogo, a troca de experiências, o debate e a proposição de situações.



Para Freire, é através das relações entre os indivíduos e o mundo que se constrói o conhecimento. A comunicação é social, desta forma, eu preciso do outro para criar o conhecimento, segundo o autor “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE,1973, p.59).

Nesse sentido o processo de mediação deve ser pautado na prática dialógica e de forma que os sujeitos do processo, docentes e discentes, atuem de forma colaborativa. Outros conceitos, que emergiram das falas dos sujeitos entrevistados reconhece a mediação pedagógica como um meio do professor oferecer aos alunos condições de serem autônomos na construção do seu conhecimento.

“O professor atua como mediador para alunos protagonistas que utilizam mídias digitais para desenvolver suas atividades educacionais.”

“É a relação estabelecida entre alunos e professor para promover o processo de ensino e aprendizagem, utilizando as ferramentas tecnológicas.”

Thiesen (2010) chama o processo de mediação pedagógica no contexto da Educação a Distância de mediação tecnológica, que para ele é tanto uma categoria pedagógica como ontológica, uma vez que, “na medida em que situa como instrumento e com signo nos processos internos de aprendizagem e apropriação do conhecimento.” (THIESEN, 2010 p.3). A mediação pedagógica é uma ação intencional e essa atitude cabe ao docente que tem a mediação tecnológica como apoio nesse processo (SAVIANI, 2010). No ERE a tecnologia possibilita o acesso a informação, aos conteúdos, aos conhecimentos, nessa perspectiva as/os alunas/os tem autonomia para decidir quando e o que querem aprender, mas é o trabalho pedagógico da/o professora/o que concretiza a aprendizagem (FILATRO 2018).

Nesse sentido Vigotski (2007) pode ser considerado uma referência importante para a discussão do conceito de mediação, do ponto de vista sociointeracionista, a mediação centra-se na dinâmica dos indivíduos em suas relações sociais. Assim, o homem realiza o processo de mediação tanto pelo uso dos instrumentos (na educação a distância mediada por ferramentas tecnológicas) como pelo dos signos (sistemas de signos: linguagem, escrita, sistema numérico), que são produções histórica e cultural.

Vale ressaltar a fala de um dos entrevistados quando diz que mediação *é a busca de um relacionamento cada vez mais interativo entre aluno e professor*. A mediação é um processo de argumentação construída de forma coletiva e individual, intermediada pela linguagem e pela interação (FRAIA, 2003).



Diante do que foi discutido acreditamos que para que aconteça a mediação pedagógica necessária no “ensino remoto”, o professor ou professora precisa estar preparado para atuar neste novo paradigma que é a manutenção de vínculos e afetividade por meio da interação e do diálogo com alunos e alunas que estão em situação de isolamento social, afastados das estruturas físicas da sala de aula presencial.

Aspectos restritivos/limitadores no ensino remoto emergencial (ERE)

Sobre aspectos limitadores/restritivos, no processo de mediação pedagógica, vivenciadas no ERE, os docentes apontaram como empecilhos: *as limitações de acesso à internet de qualidade*, alguns aspectos *metodológicos para os quais nem os professores nem os estudantes estavam habituados*, *falta de equipamentos (computadores, celulares)*, e o *tempo para planejar as aulas*.

Corroboram grande parte dos entrevistados, ao expressarem que a maior dificuldade é *a acessibilidade dos alunos a internet que possibilite participar das aulas*, pois nem todos os discentes do país tem acesso à internet ou a equipamentos que suportem os aplicativos utilizados para realização das aulas online. O que faz emergir as desigualdades sociais e diferentes realidades e contextos aos quais nossos alunos estão inseridos. Segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), 154 milhões de estudantes estão sem aulas na América Latina e Caribe. A entidade alerta que a situação poderá se estender, considerando ainda que, diante do cenário de pandemia, há risco de abandono escolar definitivo (UNICEF, 2020).

De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do último trimestre de 2018, o percentual de jovens estudantes, com 14 anos ou mais que possuem acesso à internet, ultrapassa 95% nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, já nas Regiões Norte e Nordeste esse percentual cai, sendo respectivamente, 81% e 86%. Por serem regiões que concentram grande quantidade de famílias em condições financeiras de vulnerabilidade econômica devesse levar em consideração as condições atuais de isolamento social que vem impactando de forma intensa a condições econômicas da população, o que pode influenciar à capacidade de manter acesso à internet.

A maioria dos professores e alunos é oriunda de modelos tradicionais de ensino e não estava habituada ao ensino remoto. Essa mudança de aulas presenciais para aulas virtuais requer do docente e discente um período de adaptação. Um aspecto importante a ser discutido é a motivação e autonomia que essa modalidade de ensino exige do educando, talvez a falta de proatividade dos discentes não seja apenas um reflexo das aulas remotas, tendo em vista o



fato de que mesmo em nas aulas presenciais o processo ainda é centrado no docente, nos métodos/metodologias e no conteúdo o que limita a autonomia discente (CASTAMAN e RODRIGUES, 2020). Se o aluno não assumir o papel de sujeito no processo de aprendizagem, concordamos que pode haver prejuízos à experiência de mediação sugerida por Vygotsky (1996; 2002 e 2010).

Outro aspecto citado pelos entrevistados e que merece destaque é a questão do *pouco tempo disponível para planejar as aulas e selecionar material*. Estudos realizados por Ritzel (2000), Jaques (1999) demonstraram que a professora ou professor que usa a tecnologia, seja presencial ou virtualmente, leva mais tempo no planejamento da aula, talvez, até, por ser ainda uma novidade, um desafio.

Contraditoriamente, ao passo que os professores relataram pouco tempo para preparar as aulas foi citada também, *a necessidade de realização de mais aulas nos formatos de lives*, que permite a participação de todos de forma síncrona. Em uma perspectiva de oportunizar aprendizagem de forma flexível e virtual, conforme citada por Daudt (2020), os horários foram flexibilizados o que ocasiona um número reduzido de videoconferências.

Diante dessa situação, a necessidade da realização de mais encontros online pode ser um reflexo da prática docente a qual os professores e professoras já estão familiarizados, o ensino presencial. Nesse caso o ensino remoto pode por sua vez tornar-se uma simples adaptação do modelo tradicional de educação onde as aulas expositivas praticadas no ensino presencial acabam por serem reproduzidas agora de forma virtual mantendo a mesma estrutura, onde o professor é o centro do processo e transmissor de conteúdos.

Ainda sobre as dificuldades apontadas surgiu na fala dos docentes, a insegurança com relação à realização das *lives: a dúvida de como estão nos vendo e o fato não ficar à vontade na frente da câmera*, além do *contato virtual que é um pouco frio, às vezes dá uma sensação que estamos ministrando as aulas sozinhos, os alunos interagem pouco durante as aulas*. Para Kenski (2003), essa presença é fundamental e os alunos a percebem pela atuação da professora/do professor. As relações estabelecidas por meio do desenvolvimento de atividades que envolvam a participação de todos colabora para a criação de um ambiente acolhedor que favorece o sentimento de pertença ao grupo (MAFESSOLI, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensar a mediação na perspectiva vigotskiana como condição à prática pedagógica em um contexto educacional que estimula a autonomia ou a liberdade intelectual,



apresentamos aqui algumas contribuições do estudo de acordo com as experiências e vivências relatadas pelos sujeitos participantes da pesquisa.

Diante do contexto pandêmico emergiu alguns desafios, relacionados a aspectos que limitam a prática da mediação pedagógica no ERE, e um deles é o conhecimento restrito dos profissionais da educação relacionados a utilização das tecnologias, tornando nítida a necessidade de se investir mais na formação docente no que se refere à utilização das TDIC para que esses recursos façam parte do cotidiano de ensino.

A utilização das TDIC vem ganhando cada vez mais espaço na educação e as professoras/os professores precisam estar preparados para esse advento tecnológico. Os cursos de Licenciatura precisam oferecer educação tecnológica, é necessário também investir na formação continuada com a finalidade de difundir práticas docentes que envolvam as TDIC, pois a ação mediadora docente demanda uma apropriação desses artefatos tecnológicos.

Outro aspecto relevante da pesquisa é que diferente da EaD onde existe uma equipe técnica com multiprofissionais que auxiliam na preparação das aulas e dos materiais que são disponibilizados aos educandos, com a implementação do ERE não se teve tempo para o planejamento dessas ações, os profissionais da educação foram pegos de surpresa, onde as professoras/os professores são responsáveis por todo o processo de elaboração das aulas.

Durante esse período que estamos vivendo de isolamento social ficou ainda mais aparente as desigualdades sociais, onde muitos estudantes não têm acesso à internet ou a equipamentos, muitos outros têm acesso, mas não têm o hábito de ver as tecnologias como instrumento de estudo. Essa estrutura precária de uma parcela da população limita a ação mediadora docente que encontrou nas tecnologias uma forma de fazer-se presente mesmo longe.

Entretanto, dadas às inúmeras dificuldades encontradas na implantação do ERE, acreditamos que essa forma de fazer educação constitui uma abertura importante na manutenção das relações sociais e no fortalecimento do vínculo entre estudantes, professoras/es e demais profissionais da Educação. Ambos tiveram suas rotinas modificadas de forma repentina e diante disso, faz-se necessário refletir sobre esse processo de adaptação para esse novo formato de educação, levando em consideração inclusive as condições emocionais de cada sujeito. Para finalizar, vale ressaltar que a educação de qualidade independe da modalidade, seja ela presencial, à distância, no ensino remoto ou de forma híbrida.



REFERÊNCIAS

_____. Ministério da Educação. Portaria n. 343, de 17 março de 2020.

_____. Ministério da Educação. Portaria n. 544, de 17 junho de 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BELLONI, Maria Luiza. Educação a Distância. Campinas: Autores Associados, 2009.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

BRAHIM, Adriana Cristina Sambugaro de Mattos. Os desafios do ensino remoto na UFPR em tempos de pandemia. 2020. 20 Slide. Disponível em <
http://www.sept.ufpr.br/portal/nte/wp-content/uploads/sites/20/2020/06/SLIDES-LIVE_Adriana.pdf>

CASTAMAN, Ana Sara; RODRIGUES, Ricardo Antonio. Educação a Distância na crise COVID - 19: um relato de experiência. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 6, e180963699, 2020

COSTA, Renata Luiza da; LIBANEO, José Carlos. EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA A DISTÂNCIA: a mediação docente e as possibilidades de formação. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 34, n. e180600, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-44698180600>. Acesso em: 05 maio 2020.

DAUDT, Luciano. **6 Ferramentas do google sala de aula que vão incrementar sua aula**. 2020. Disponível em: <https://www.qinetwork.com.br/6-ferramentas-do-google-salade-aula-que-vaoincrementar-sua-aula/>. Acesso em: 03 mai. 2020.

DOTTA, Silvia Cristina. et al. **Abordagem dialógica para a condução de aulas síncronas em uma webconferência**. In: X Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância, 2013, Belém. Anais do X Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância. Belém: Unirede/UFPA, 2013.

FARIA, Elaine Turk **Interatividade e mediação pedagógica em educação a distância** / Elaine Turk Faria. – Porto Alegre, 2002. 214 f. : il. Tese (Doutorado) – Fac. de Educação, PUCRS, 2003.

FILATRO, A. CAVALCANTI, C. C. Metodologias inov-ativas na educação presencial, a distância e corporativa. 1. Ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2018.

FONTANA, Roseli A. C.; CRUZ, Maria Nazaré da. *Psicologia e trabalho pedagógico*. São Paulo, SP: Atual, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 28ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 47ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

GUIMARÃES, Gustavo Henrique Escobar. **Mediação pedagógica: uma possibilidade para o desenvolvimento de atitudes sociais na autonomia** / Gustavo Henrique Escobar Guimarães. - Campinas: PUC-Campinas, 2012. 151p.

HODGES, Charles *et al.* The difference between emergency remote teaching and online learning. **EDUCAUSE Review**. 27 mar. 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>, 2020. Acesso em: 11 maio 2020.

JAQUES, Patrícia. *Agentes de software para monitoração da colaboração em ambientes telemáticos de ensino*. Porto Alegre: 1999. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Informática, PUCRS.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. São Paulo: Papirus, 2003.

MAFFESOLI, M. A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação). **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 20, p. 13-20, abr. 2003.

MASETTO, Marcos. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia In: MORAN, José, MASETTO, Marco e BEHRENS, Marilda. *Novas tecnologia e mediação pedagógica*. Campinas: Papirus, 2000.

PEIXOTO; CARVALHO. Mediação pedagógica midiaticizada pelas tecnologias?. **Rev. Teoria e Prática da Educação**, v. 14, n. 1, p. 31-38, jan./abr. 2011

RITZEL, Marcelo. *Um sistema para controle de uso de material didático a distância*. Porto Alegre: 2000. Dissertação (Mestrado), Instituto de Informática, UFRGS.

SANTOS JUNIOR e MONTEIRO, Educação e covid-19: as tecnologias digitais mediando a aprendizagem em tempos de pandemia. ISSN 2675-1291| DOI: <http://dx.doi.org/10.46375/encantar.v2.0011> **Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade** - Bom Jesus da Lapa, v. 2, p. 01-15, jan./dez. 2020

THIESEN, J.S. TIC Y Educación: Mediação tecnológica/pedagógica: diferentes perspectivas sobre um mesmo conceito. In: **CONGRESSO IBEROAMERICANO DE EDUCACIÓN**, 2010, Buenos Aires.

UNICEF. **Fundo das Nações Unidas para a Infância**. 2020. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/>. Acesso em: 03 mai. 2020.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas, SP. Autores Associados, 2010